

Esta obra está sob o direito de
Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

CYBERCULTURALISMO NOMOFÓBICO: MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

Sandro Moretti Silva¹
Simone Maria dos Santos Vanderley²
Betijane Soares de Barros³

RESUMO

Esse artigo sintetiza os impactos causados através do mau uso do smartphone no ambiente educacional, pelos aprendentes, dessa forma conscientizando a sociedade, que apesar do empoderamento das novas tecnologias trazerem conectividade e convergência e aproximar a sociedade educacional globalizada por um lado, por outro, tem provocado intempéries como a crise civilizacional, transformando os sujeitos em seres antissociais devido à síndrome da nomofobia e insolado os mesmos no matrix da cybercultura afetando dessa forma psicologicamente o indivíduo, e mudando assim o seu comportamento sociocultural. A metodologia adotada visa o esclarecimento da pesquisa, por meio de revisão bibliográfica, com enfoque de natureza qualitativa. A educação tem um papel sociocultural, por meio do docente, de intervir através da mediação conscientizando os aprendentes a mudar cognitivamente seu comportamento de conectividade e de isolamento no matrix digital, para um comportamento sociointeracionista humanista e cognoscente para o uso mais moderado do smartphone.

Palavras-chaves: Educação, Cybercultura, Nomofobia.

¹ E-mail: Sandromoretti29@hotmail.com

² E-mail: simonewassu@gmail.com

³ E-mail: bj-sb@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O século XXI tem sido marcado por processos científicos, tecnológicos e econômicos, relacionados a diferentes aspectos da globalização, que provocaram profundas mudanças ideológicas, culturais, sociais e políticas. Não há como negar que, comportamentos e hábitos da sociedade hodierna sofreram alterações em função do desenvolvimento tecnológico. Esses impactos profundos são perceptíveis nas sociedades contemporâneas. O mundo moderno não vive mais sem estar conectado à rede mundial de computadores. Estar conectado à Internet, já faz parte do contexto social-cultural de toda a sociedade, nos mais diferentes segmentos do mundo globalizado, como por exemplo, no sistema governamental político e judiciário, no ambiente acadêmico, nas empresas privadas, nas organizações não governamentais e inclusive no ambiente educacional.

Esse empoderamento tecnológico tem provocado mudanças sociais, culturais e comportamentais nos discentes hodiernos. Esse novo alvorecer conectivo e competitivo, tem desafiado os docentes atuais na busca de novas metodologias capazes de interferir e equilibrar essa desigualdade, entre as novas tecnologias e o paradigma tradicional de ministrar aulas didáticas a quarta geração digital (4G).

Diante dessa problemática acima, alude-se o seguinte objetivo geral: Que instrumentos pedagógicos serão capazes de mudar a conjuntura autofágica e narcísica dos discentes ao idolatrar o matrix das novas tecnologias? Essa reflexão profunda promove os seguintes objetivos específicos:

1. Explicar quais são os efeitos do empoderamento da cybercultura no comportamento dos discentes hodiernos;
2. Examinar que rupturas psicológicas e sociais têm sido provocadas nos aprendentes, ao estarem conectados ao matrix tecnológico 24 horas por dia;
3. Intervir com instrumentos psicopedagógicos e multidisciplinares para minimizar o efeito da síndrome da nomofobia nos educandos.

O desenho metodológico dessa pesquisa tem aporte bibliográfico com revisão de literatura de renomados teóricos que vão e voltam a fim de esclarecer a natureza qualitativa dessa investigação.

Justamente pensando, nesse desvelo educacional que inquieta os docentes modernos, e devido às rupturas provocadas nas relações entre docente/ discente, que resultam em comportamentos psicopatológicos e psicossomáticos de ansiedade e estresse, despertou em mim o desejo de investigar como intervir e minimizar essas intempéries na comunidade educacional. É lamentável que, esse empoderamento da cybercultura venha

provocando essa crise civilizatória entre os atores educacionais no momento de interação social no ambiente educacional, duramente ameaçado pelo uso imoderado do smartphone pelos seus alunos. Nesse contexto pretende-se a priori, explicar como o empoderamento da cybercultura viciante tem provocado alterações comportamentais nos discentes.

1. O MULTICULTURALISMO EDUCACIONAL E O EMPODERAMENTO DA CYBERCULTURA

Devido ao advento do intenso desenvolvimento das novas tecnologias contemporâneas penetrando nas dobras sociais, percebe-se mudanças de relacionamento na sociedade multicultural produzidas pelo empoderamento da lógica digital. Tudo isso, devido à criação de espaços de valores e representações culturais dependentes de recursos respaldados na disseminação de uma CYBERCULTURA podendo ser entendida como a forma sociocultural de uma relação de trocas entre a sociedade à culturada, e as novas tecnologias, surgidas na década de 70, graças à convergência das telecomunicações com a informática, que determina o empoderamento das configurações inéditas nas inter-relações entre os sujeitos educacionais.

Todo esse determinismo advém do capitalismo contemporâneo em consequência da ciência versus tecnologia, que tem contribuído para o surgimento do fenômeno da globalização, acelerando mudanças nos processos de estruturação social, gerando um mundo sem fronteiras e se desvinculando da grafia enunciada do passado. Esse processo tecnológico e histórico da cybercultura tem provocado preocupações na sociedade moderna digital, trazidas pelos recursos globais, somadas às demandas flexivas advindas de outras culturas transformando a multicultural brasileira em uma miscelânea de padrões comportamentais, e estabilizando a sua identitária abalroada em mudanças de valores provocando rupturas sociais entre seus semelhantes.

Segundo Rojo (2012), no caso brasileiro, em nossas salas de aula, essa mistura de culturas, raças, e cores não constitui constatação tão nova, embora passe o tempo todo quase totalmente despercebida ou propositadamente ignorada. Para a autora, a produção cultural atual se caracteriza por um processo de desterritorialização, de descoleção e de hibridação que permite que cada pessoa possa fazer “sua própria coleção,” sobretudo a partir das novas tecnologias.

Tomemos educação como o processo de incorporação

intelectual e afetiva, pelos indivíduos, dos princípios e das forças que estruturam o bem de uma formação social. A preparação do indivíduo para assimilação dessa forma constitui, em níveis diferenciados, a educação, que não se confunde com instrução pura e simples (o ensino ou capacitação para o exercício de funções específicas) nem com a cultura, tradicionalmente entendida como modo de produção de sentido para a totalidade social. Educar é socializar, individualizando, isto é, primeiramente inscrever a criança no ordenamento social desejado e depois criar as condições cognitivas e afetivas para sua autonomia individual como adulto (SODRÉ, 2012, p. 15,16).

Nesse processo civilizatório da sociedade multicultural brasileira em sala de aula, é perceptível o empoderamento da cybercultura, porém, há um descompasso em seu letramento digital (o mau uso das ferramentas tecnológicas), em todo esse processo de sociabilidade nas inter-relações, pois, muitos discentes, mesmo sabendo digitalizar suas ferramentas tecnológicas, seja no sistema Android, ou no sistema Windows, ainda desconhecem a legislação, e por isso, fazem mau uso dessas ferramentas tecnológicas, podendo dessa forma ocasionar violação da legislação federal, como bullying (agressões intencionais, verbais ou físicas) cyberbullying e Sexting (mensagens

sexualmente explícitas, intimidadora ou depreciativa, mau uso das imagens de outros, ou mesmo violação dessas imagens para uso impróprio) nas redes sociais (WhatsApp, Facebook, Instagram e etc) na sua relação sociocultural digital no cotidiano educacional.

A Lei 13.185/15 considera-se sistemática (bullying) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. Da mesma forma o cyberbullying quando a internet for utilizada para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar constrangimento psicossociais (QUENTES, 2015).

Nesse processo de crise civilizatória, está o polivalente da educação que além de mediador cognitivo do saber, agora necessita ser um capazório das novas tecnologias para minimizar as intempéries nas inter-relações entre os discentes educacionais no processo da cybercultura no contexto sala de aula. De sobremaneira que o educador tem o papel de subsidiar mudanças no cenário educacional.

Então, propõe que se deve reconhecer que as tecnologias têm

um papel apenas instrumental, e que seu caráter é de complementariedade nas ações pedagógicas. Ao pesquisador da área, “a que cabe subsidiar certas mudanças no cenário educacional”, coloca-se o desafio de refletir e “... desvencilhar-se das amarras de uma dependência de soluções importantes o que, de maneira alguma significaria isolacionismo no campo do conhecimento científico (PINTO, 2007, p27).

Segundo Filloux (2010), um sistema educacional é formado por duas espécies de elementos. De um lado, há todo um conjunto de disposições definidas e estáveis, de métodos estabelecidos, ou seja, em uma palavra, de instituições; mas, ao mesmo tempo, dentro da máquina assim constituída, há ideais que trabalham e que a solicitam para que mude. Em outras palavras, o ensino educacional secundário, se apresenta como um conjunto de estabelecimento de organização material e moral que determina e abriga ao mesmo tempo, as aspirações do indivíduo em busca de algo. A escola descumbe esse papel, não somente como lugar de educação moral, mas também como um lugar de instrução e de aquisição de saberes, onde é promovida a perspectiva sociocultural educacional.

Pode-se assim dizer que a cybercultura contemporânea tem um papel preponderante nas camadas sociais

subsidiadas pela educação, e dessa forma estão cada vez mais próximas. Em outras palavras adquirindo e sendo herdado pelas novas gerações do cultivo do bom gosto, do estilo, e do talento, quando utilizada em benefício da sociedade aculturada. Permeando ideologicamente o devido dom, acreditando na transmissão quase osmótica do capital cultural, e transformando as desigualdades sociais em desigualdades de dons ou méritos. Embora a aprendizagem passe por uma divisão especializada de quem ensina, e de quem aprende esse processo, pois o mesmo não é efetivamente universal. Assim, o mundo hoje encontra-se em meio há intensas transformações. Desde a integração econômica, e cultural, superação de fronteiras com criação de grandes blocos de tendência hegemônica, como a União Europeia, o Mercosul e outros. Outro aspecto a considerar é o resultado de todo esse contexto sociocultural; a inerte sociedade corolariana nomofóbica educacional.

2. A INERTE SOCIEDADE COROLARIANA NOMOFÓBICA EDUCACIONAL

O processo educacional de ensino-aprendizagem tem sido marcado pelas condições inertes da sociedade corolariana da nomofobia, entre os discentes nas suas relações biopsicossociais no contexto da

sala de aula. A nomofobia (é a fobia causada pelo desconforto ou angústia resultante da incapacidade de acesso à comunicação através de aparelhos celulares ou computadores ou ficar off-line) a dependência do smartphone na sociedade moderna é tão grande que não consegue mais, se desgrudar desse hábito que pode trazer consequências físicas e psicológicas. Esse termo é uma abreviação do inglês (no-mobile-phone, phobia) criado no Reino Unido para descrever o pavor de estar sem o smartphone online na web (YONG, 2015).

Desde a entrada dos primeiros computadores e telefones celulares na vida dos indivíduos, começamos a perceber também o surgimento de mudanças significativas nos hábitos, costumes, comportamentos, emoções e nas relações pessoais e sociais resultantes nessa interatividade. Com isso, surgiu a necessidade de se buscar compreender a dimensão, os aspectos e consequências dessas alterações em relação aos benefícios, prejuízos, ganhos ou perdas relacionadas com o uso ou abuso dessas novas tecnologias. A adoção de novas tecnologias digitais e a massificação do acesso da população à Internet, smartphones e redes sociais, estão mudando o modo de vida das pessoas e criando uma nova dinâmica social. Vivemos na era da informação: tudo é rápido, acessível e volúvel. Muito sabemos sobre os avanços das

tecnologias no setor econômico, mas quase nada se discute sobre os efeitos no comportamento humano. Se o telefone celular serve para aproximar pessoas distantes, por vezes, atualmente também percebemos que distancia pessoas mais próximas. O uso abusivo das tecnologias ganha novos adeptos diariamente de maneira silenciosa e preocupante. Pela primeira vez no Brasil, um livro aborda de forma estruturada e científica um problema tão moderno, mas pouco debatido dentro das famílias, empresas e sociedade (KING, 2015, p.1).

Borges enfatiza (2016), percebemos que a concepção sobre o uso do celular para muitos ainda é considerado algo corriqueiro. Além disso, apesar das pesquisas documentarem que se trata de um problema crescente de atendimento à saúde que é tratada com terapias e até medicamentos, o entendimento científico do problema ainda está em evolução. Para sanar as dúvidas sobre o assunto, o artigo foi elaborado para informar aos leitores sobre os males causados está síndrome, objetivando analisar nomofobia entre os alunos do CCSA-UFRN, buscando, desta forma, dados que evidenciem a faixa mais afetada e quais sintomas são mais presentes entre os entrevistados. Além disso, apontaremos quais os principais sintomas que desencadeiam esse tipo de síndrome psicológica.

O primeiro estudo sobre dependência em internet aconteceu no ano 1996 pela Dra. Kimberly Yong nos Estados Unidos da América. No estudo realizado, ela apresentou seus achados sobre 600 sujeitos que satisfaziam uma versão modificada dos critérios considerados para os viciados em jogos de azar. Seu artigo "Internet Addiction: The emergence of new disorder" no início provocou controvérsias, mas depois as pesquisas sobre a dependência nessa área só aumentaram com o passar dos anos. Em 1999, a maior pesquisa feita sobre o assunto foi realizada com 17.000 pessoas detectando a dependência presente em 6% da população entrevistada nos Estados Unidos (YONG, 1996, p.240).

Segundo Borges (2016), a sociedade vive no tempo das incertezas e mudanças. O laço humano poderia ser duradouro, seja em relacionamentos afetivos ou profissionais, mas são descartáveis como objetos. É o que acontece no mundo virtual, tudo é consumido e descartado com facilidade. Bauman, na juventude, conheceu o sentido das palavras laço e comunidade e é por isso que ele desconfia dessa conectividade toda das redes sociais. A Internet é tão fácil de conectar, mas o maior atrativo é quando você consegue se desconectar e romper as relações. O indivíduo experimenta uma sensação de conforto e prazer quando está na Internet, em razão de estar conectado, pois nesse meio o indivíduo não pode ser

julgado ou criticado. Quando se desconecta, sente uma sensação de angústia, de estar sozinho fora da rede. Muitos não sabem, mas isso está atribuído ao Transtorno de Nomofobia, e esse transtorno muitas vezes interfere na vida, nos costumes, no comportamento e nos hábitos do indivíduo.

Com o uso de celulares como instrumento de comunicação indispensável, a configuração das relações interpessoais mudou drasticamente. A nova construção social se baseia em relações sem grandes intimidades, mas, virtualmente, as pessoas se relacionam de maneira ilimitada. "É um contexto paradoxal, ao mesmo tempo em que não há um contato com o outro, há um contato com o mundo consequentemente o outro." (PSICOQUE, 2013). As reportagens e notícias sobre a nomofobia é caso frequente atualmente nas diversas mídias de comunicação. O vício digital que antes era associado apenas ao uso do computador, atualmente é voltado para a utilização exacerbada do telefone móvel (BORGES, 2006, p.1).

No ambiente educacional não é diferente, os discentes no contexto sala de aula, muitas vezes se desconecta das aulas que estão sendo ministradas pelo professor, seja qual for a disciplina, para estar conectado no smartphone nas redes sociais ou ouvindo áudios musicais por meio do seu aparelho celular. Esse comportamento interdisciplinar muitas vezes interfere no

processo de ensino-aprendizagem, necessitando muitas vezes que o profissional da educação interfira e chame a atenção do aprendente ou pedir que este guarde o aparelho celular, ou muitas vezes o próprio profissional da educação acabar por confiscar o aparelho.

A adoção de novas tecnologias digitais e a massificação do acesso da população a internet, smartphones e redes sociais estão mudando o modo de vida das pessoas e criando uma nova dinâmica social. Vivemos na era da informação: tudo é rápido, acessível e volúvel. Muito sabemos sobre os avanços das tecnologias no setor econômico, mas quase nada se discute sobre os efeitos no comportamento humano. Se o telefone celular serve para aproximar pessoas distantes, por vezes, atualmente também percebemos que distancia pessoas mais próximas. O uso abusivo das tecnologias ganha novos adeptos diariamente de maneira silenciosa e preocupante. Pela primeira vez no Brasil, um livro aborda de forma estruturada e científica um problema tão moderno, mas pouco debatido dentro das famílias, empresas e sociedade (KING, 2016, p. 1).

Isso ocorre devido ao nível neurobiológico chamado de sistema de recompensa cerebral (SRC) que tem a função de estimular comportamentos que corroboram com a manutenção da vida. Quando o Sistema de Recompensa Cerebral

é ativado, é liberado para os neurotransmissores a dopamina, resultando em imediato as sensações de prazer e satisfação. Essa dependência do smartphone provoca hiperatividade constante, resultando na nomofobia, que poderá no futuro provocar transtornos psiquiátricos, como ansiedade, depressão, impulsividade, fadiga, patologia ocular, dores musculares, tendinites, cefaleia, distúrbios do sono e sedentarismo (CRIPPA, 2017).

O grande problema em questão é que todos os dispositivos que os smartphones e tablets oferecem é o de proporcionar prazer e recompensa. Através desta lógica, se algo nos proporciona prazer (ou dopamina no cérebro) a estratégia ou recurso mais eficaz, é substituir o prazer ocasionado pelo uso do celular, por outros reforçadores que podemos encontrar no nosso ambiente: Um amor real, atividades esportivas e interativas, a companhia de amigos em uma festa, tentar resgatar hábitos positivos e mantenedores de relacionamentos reais com amigos e principalmente com a família, e assim resgatar o afeto, o carinho, o toque e o “olho no olho”. Em outras palavras, resgatar as nossas vivências reais (TRAZZI, 2016, p.3).

Use as regras dos 45 minutos, a primeira coisa que você deve fazer ao acordar; você deve se preparar para o dia a dia que terá pela frente, ir ao banheiro,

preparar o café da manhã, se alongar, se vestir e arrumar. Se for casado (a, beije seu parceiro (a). Não cheque o celular antes disso. Ao dirigir desligue o celular, para evitar acidentes, por proteger você e os outros motoristas e pedestre. Se a pessoa apresenta diversos sinais e sintomas muito parecidos com a dependência de drogas: como fissuras a usar o telefone célula para se sentir melhor, quando está pra baixo, isso é indício que você está com a síndrome da nomofobia, procure ajuda profissional de um psicólogo (CRIPPA, 2017).

Entre as soluções para a síndrome, pode ser citada a prática de exercícios, clínicas de desintoxicação e a ingestão de medicamentos. (INSTITUTO DELETE, 2015). Aguirre 2013, afirma que: Especialistas explicam que esta é uma dependência emocional e o que deve ser feito para enfrentar o exercício de desconexão não apenas o telefone, mas tudo isso significa que produz hábito: Facebook, *Twitter*, *Chat*, etc. Eles apontam que para os seres humanos é o contato físico necessário e essencial com seus pares em preferência àqueles que outro virtual. (CRIPPA, 2017).

Para tentar afastar a inercia do aprendente, se faz necessário que o professor opte, por estudos interdisciplinares e multidisciplinares, para tentar minimizar esse comportamento nomofóbico, ajudando o aluno a sair da matrix por desligar o celular ou

desconectar-se das redes sociais. Ficando off-line, o aluno poderá concentrar sua atenção nas aulas que estão sendo ministradas no contexto de sala de aula, dando atenção aos que estão em sua volta, e que desejam o seu bem-estar. O mediador pedagógico despertará o alvorecer científico, a formação de uma cidadania consciente, o fortalecimento da solidariedade social, e acima de tudo uma autonomia pedagógica, evitando assim, o triunfo da mediocridade ou mesmo da melancolia, pelo mau uso do smartphone.

CONCLUSÃO

A empoderada sociedade multicultural brasileira, se formou da fusão de culturas europeias, africanas, indígenas e asiáticas, enquanto a população se formou pela mescla física dos povos que trouxeram essas culturas, a população atual vive momentos de instabilidade nas suas inter-relações chamadas de crise civilizatória educacional.

Essa formação cultural se deu por meio do processo de incorporação intelectual, afetiva e tecnológica, entre indivíduos que interagem no ambiente socioeducacional brasileiro, para o equilíbrio econômico, político e ético da comunidade humana, para a preservação dos sujeitos socioculturais.

Justamente na relação entre o ensino e aprendizagem no ambiente educacional,

há um terreno fértil para discernir esses comportamentos antissociais que são perceptíveis pelo docente ao ministrar suas aulas.

A cybercultura trouxe expansão tecnológica para dizimar as desigualdades sociais, desde que, toda a sociedade esteja conectada ao mundo virtual e habilitada para o mercado em expansão tecnológica, sabendo usar as ferramentas digitais a seu favor. Esse mundo sem fronteiras, conectado virtualmente exprime uma ressalva desafiadora; a crise civilizatória e a nomofobia que têm afetado os mais diversos seguimentos da sociedade contemporânea, vê na educação digital o único caminho para mudar o contexto sociocultural do sujeito no eixo do tecnocentrismo. Assim se faz necessário colocar em discussão não só os efeitos das inovações da tecnociência, mas também, dos seus efeitos psicológicos advindos dessa modernidade em expansão.

Evidentemente que a educação tecnológica contemporânea tem o grande desafio em transformar o mau uso dos smartphones pela sociedade nomofóbica em um ambiente educacional, com ferramentas tecnológicas que visem a interação cultural, onde os atores educacionais possam usar suas conectividades para o crescimento cultural e a aproximação dos sujeitos no processo sociointeracionista para uma autonomia pedagógica cognoscente do seu

papel social criticista, que promova harmonia nas suas inter-relações e sapiência no uso das tecnologias para o benefício do sujeito no seu entorno.

O espaço educacional multicultural tecnológico deve ser priorizado por alternativas que visem superar as barreiras de isolamento entre os sujeitos e de doenças psíquicas, propulsionando um ambiente de aproximação cultural numa diversidade consciente que só, por meio da aprendizagem tecnológica e do processo sociointeracionista é que o sujeito adquirirá sua autonomia pedagógica e crescimento humanista e que chegaram a resolução dos conflitos socioculturais e suas diferenças socioeconômica.

Partindo dessa premissa, se faz necessário que toda a sociedade contemporânea educacional, se conscientize e busque firmar um compromisso de mudar esse cenário educacional antissocial e de isolamento que vive os sujeitos nomofóbicos no processo sociointeracionista, num cenário de uso consciente das ferramentas tecnológicas, que visam aproximar os sujeitos em pessoas mais humanas, menos egoístas, que se preocupa com o bem-estar do outro, e que usam as suas conectividades ao buscar resoluções problemas sociais, econômicos, culturais e tecnológicos, em ações favoráveis para a sociedade da cybercultura.

REFERÊNCIAS

BORGES, Luana. **NOMOFOBIA: uma síndrome no século XXI**. Artigo científico, Rio Grande do Norte-RN, 2016.

CRIPPA, José Alexandre. **Nomofobia: a dependência do telefone celular. Este é o seu caso?** Editora Veja, São Paulo, 2017.

ECO, Umberto. **Como Se Faz Uma Tese**. Editora Perspectiva, São Paulo-SP, 2002.

FILLOUXE, Jean-Claude. **Émile Durkheim**. Coleção Educadores. Editora Massangana, Recife-PE, 2010.

INSTITUTO DELETE. **Uso Consciente**. Disponível em: <<http://www.institutodelete.com/>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

KING, Anna Lucia Spear. **Nomofobia: Dependência do Computador, Internet, Redes Sociais? Dependência do Telefone Celular?** Editora Atheneu, 1ª ed. Lebron-RJ, 2015.

NOVAS, Joana de Vilhena. **Do Homem-Máquina ao Corpo Descarnado: Sujeito, Corpo e Agenciamentos Culturais**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro-RJ, nº 35, p. 119-127, 2010.

PÁDUA, Elizabete Matallo M. de. **Metodologia da Pesquisa-Abordagem Teórico-Prática**. Editora Papyrus, 13ª ed. Campinas-SP, 2004.

PINTO, Anamelea de Campos. **Formação do Pesquisador em Educação: Questões Contemporâneas**. EDUFAL-Editora da

Universidade Federal de Alagoas, Maceió-AL, 2007.

PRADO, Edna Cristina do. **Múltiplos Olhares sobre Pesquisa em Educação**. EDUFAL-Editora da Universidade Federal de Alagoas, Maceió-AL, 2009.

QUENTES, Migalhas. **Lei institui Programa de Combate ao Bullying**. www.migalhas.com.br > migalhas quentes, 2015.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia Científica-Para Alunos dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação**. Editora Loyola, São Paulo-SP, 2005.

ROJO, Roxane. **Multiletramentos na Escola**. Editora Parábola, São Paulo-SP, 2010

_____. **As Teorias da Cibercultura: Perspectivas, Questões e Autores**. Resenhas Culturas Midiáticas. **Revista do Programa de Pós-Graduação de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba**. Porto Alegre- RS, nº 8p. 1-10, 2012.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando A Educação- Diversidade, descolonização e redes**. Editora Vozes, 2. ed, Petrópolis-RJ, 2012.

TRAZZI, Rafael Manias. **O uso excessivo dos smartphones**. Artigo científico, 2016.

YONG, Kimberly. Internet Addiction: The emergence of new disorder. **Cyber Psychology and Behaviour**, Estados unidos, v. 1, n. 3, p. 237-244, ago.1996. Disponível em: <http://chabad4israel.org/tznius4israel/new_disorder.pdf>. acesso em 10/02/2018.